

de retenção, semelhante ao que se sucedeu em 1960 com a aldeia de Vilarinho das Furnas que desapareceu com a construção da Barragem que tem o seu nome.

*" Vilarinho das Furnas não existe mais; não declinou por abandono dos habitantes, mas porque uma barragem a meteu debaixo de água que submergiu leiras e casas e até o cemitério situado na parte mais alta da aldeia. Nem os mortos escaparam e dos vivos ninguém cuidou; pagas as indemnizações irrisórias, cada um se amanhou como pôde, enriquecendo-se o país de electricidade, atirando para as incertezas da vida os seus vizinhos. E, no entanto estas aldeias comunitárias viviam numa nobre pobreza, onde os habitantes se sentiam efectivamente senhores do que cultivavam e colhiam e geriam em comum os seus interesses colectivos. Esta reedição é uma espécie de Requiem pelos pobres camponeses, pastores, moleiros e homens de outros ofícios humildes, que não inspiram aos prestigiosos construtores de barragens outro sentimento que não seja de profundo desprezo."*¹² (Jorge Dias)

No caso da Aldeia da Luz, esta foi translada para um novo espaço criado à medida, mas para trás ficaram as suas casas e o território familiar, as ruas onde moravam, a aldeia onde a população tinha nascido e crescido, os seus terrenos, hortas e campos de cultivo, levando consigo apenas as memórias do que ali viveram. Esta foi uma situação muito particular, um território que enuncia a clara noção de uma separação temporal marcada pelo *antes* e o *agora* e o *antigo* e o *moderno*, uma mudança brusca e induzida numa comunidade que foi sendo construída ao longo dos tempos. O rio deixa-nos a memória dos nossos antepassados que marcaram um longo processo de sedentarização. O grande lago torna-se metaforicamente na grande planície aquática sobrelevando novas valências paisagísticas.



Fig. 14 Monte da Cortada, Mourão

¹² DOMINGUES, Álvaro - Vida no Campo . Porto . [sem editora] . 2010 . Pág. 2